

Vida Internacional

A prosperidade da industria allemã e a ruina do Estado allemão. --- A «kolossal» burla do marco

Mostrei no artigo pccedente como a Alemanha vae applicando todos os seus recursos e disponibilidades economicas em melhorar a sua poderosissima e eficiente maquinaria de trabalho. E' um facto constatado por todos os que, com olhos de vêr, percorrem aquele paiz. Poderiam aditar-se numerosissimos exemplos aos que muito de fugida apontei, se isso não tornasse demasiado fastidiosas estas desalinhadas cronicas.

Metade da marinha mercante alemã está reconstruida, mercê do bilião sterlino, que o *Reich* adquiriu em troco dos seus sete ou mais triliões de marcos-papel absorvidos pela especulação mundial.

O porto de Hamburgo atingiu um trafego superior ao de 1914. Em fevereiro entraram no estuario do Elba 850 navios, deslocando 1.047.208 toneladas. D'estes navios 493 eram alemães.

Com este proceder, consegue a Alemanha um duplo intento: pretextar a ruina do Estado para não pagar as reparações; e preparar-se para a lucta economica e industrial, que já se esboça com vigor, apesar da ebulliente desordenação em que a Europa de após guerra está vivendo.

Para não pagar, a Alemanha arremessou o marco para uma desvalorisação tão profunda, que é legitimo duvidar de que consiga alguma vez reconduzi-lo á paridade da media dos valores amoedados do mundo civilisado.

E' claro que o intenso trabalho que a industria alemã vae realisando tem um valor muito real e muito tangivel e se ha de traduzir em moeda, visto que a civilisação não

encontrou ainda melhor e mais comodo recurso para ameaçar o producto do trabalho humano.

Para onde vae esse dinheiro? Porque está bem de vêr que nem todo o dinheiro se converte em caminhos de ferro, em navios ou em fabricas. Tambem não fica na Alemanha, para que o Estado possa pretextar a mingua da moeda e a ruina do marco, todas as vezes que o urgirem para pagamento das reparações.

Esse dinheiro, que atinge somas elevadissimas, encontra-se nos bancos estrangeiros — na Suissa, na Holanda, na Espanha, nos Estados Unidos, na Italia, na Inglaterra e até na propria França.

Além d'isso ha a meter em linha de conta os biliões de dolares que foram comprados por esse mundo fóra, na esperança de que, volvida a Alemanha rapidamente á sua prosperidade economica e a uma energica politica de trabalho, o marco atingisse cotações elevadas e remuneradoras.

Ora o que aconteceu foi que o marco se aviltou a ponto de quasi não ter cotações e os alemães, que receberam pelos marcos desvalorizados excelentes francos, dolares, *shillings* ou pesetas, depositaram cautamente a pecunia estranha nos estranhos bancos, como preciosa reserva a atirar para a lucta quando as circunstancias se tiverem modificado no sentido desejado pelos industriaes de Alémm-Reno.

O *New-York Herald* calcula n'um bilião de dolares os prejuizos dos tomadores americanos, cifra confirmada pelo sr. Crissiger, ultimo inspector de cambios e actual governador do *Federal Reserve Bank*. O governador de Nova York possui uma lista de 25.000 pessoas, todas d'aquella cidade, que compraram titulos ou valores alemães, hoje de todo desvalorizados.

O resultado desta fraude *kolossal* é que, só nos bancos dos Estados Unidos existe um formidavel deposito de ouro alemão, montante a cerca de 500 milhões de dolares — deposito que constitue para a nação *yankee* um motivo de serias apreensões, porquanto se os depositantes levantarem de subito aqueles milhões, o que não pode legalmente impedir-se, o *stock* do ouro norte-americano sofrerá uma

inesperada diminuição, que não poderá deixar de influir no mercado interno e externo.

Calcula-se que ha nos Estados Unidos mais dinheiro alemão que em todo o resto do mundo. E o mais curioso é que os possuidores do marco, isto é, as victimas da burla, estão a estas horas fazendo sinceros votos por que se fraude a politica das reparações, no desejo muito natural de verem revalorizada a moeda teutonica, que lhes custou bom dinheiro e que hoje não vale positivamente dois caracoés.

O erudito economista sr. Kergall, na sua excelente *Revue Economique et Financière* refere-se a este curioso aspecto da economia das reparações e comenta :

Esta situação corresponde a uma politica financeira propositada, para colocar as disponibilidades alemãs fóra do alcance dos aliados e para dar azo a que o Reich possa alegar a sua penuria...

O sr. Kergall salienta ainda que o aviltamento do marco permite á Alemanha aproveitar outra fonte de riqupza, não já á custa dos estranhos credulos no resurgimento da moeda tudesca, mas á custa do proprio povo alemão. E explica porquê.

As sociedades industriaes e commerciaes alemãs, cujos encargos são pagaveis em marcos, estão fruindo, por via d'esta circumstancia, uma vida notavelmente desafogada. Ha-as que aproveitaram a maré para saldar completamente as suas dividas, quer de obrigações quer de hypotecas. O mesmo acontece com a propriedade predial, que paga em papel os seus 900 milhões de juros anuaes, correspondentes aos 18 biliões de marcos das suas dividas hypotecarias, hoje, pela maior parte, resgatadas ao preço dos algarismos, isto é, com marcos desvalorizados como se fossem boa e autentica moeda.

Um deputado dizia ha tempos no *Reichstag* que a agricultura e a industria alemãs aferrolham um super-beneficio de 1 bilião a 1 1/2 bilião de marcos ouro, que poderiam ser mobilisados por conta das reparações.

E o sr. Kergall acrescenta :

A ruína do marco dá ao Reich a possibilidade de extinguir d'um dia para o outro toda a sua divida interior. E n'este caso, as outras nações encontrar-se-iam inesperadamente em face d'uma Alemanha livre de todos os seus encargos e armada d'um apetrechamento industrial, que tornaria impossivel toda a concorrência, convertendo assim em realidade o seu sonho de imperialismo economico.

D'aqui resulta que a Alemanha não pode pagar em capital, porque a sua moeda se encontra arruinada e se os seus industriaes estão ricos, o Estado está proximo da falencia.

Poderia pagar em mercadorias, mas não está disposta a isso, como o demonstra o presente conflicto do Ruhr.

Restaria ao governo francez o recurso de se apoderar muito simplesmente da propriedade alemã : — barcos, vias ferreas, material industrial, mercadorias, etc., — se isso não fosse ferir susceptibilidades irritaveis, sobretudo na Inglaterra, além das complicações e dificuldades que o caso teria praticamente, pois os arrestadores encontrar-se-iam muitas vezes em face de propriedade estrangeira, pertencente a empresas e colectividades americanas, inglezas ou holandezas... constituídas por alemães e com capitaes alemães.

Este sofisma praticou-se largamente nos ultimos anos, conforme ha tempos referi n'um jornal de Lisboa.

Aludi acima ás susceptibilidades inglezas perante a politica franceza das reparações. Essas susceptibilidades estão mais melindrosas que nunca. Precisamente á hora em que estas linhas redijo, chegam-me os jornaes francezes com azedos comentarios a um artigo barulhento publicado no *Observer*, em que se acusa a França de intuitos imperialistas e anexionistas.

Está, pois, este caso das reparações tão intrincado e difficil como no primeiro dia em que comecei a escrever para a *Revista Portuguesa* a minguada prosa que os leitores talvez hajam tido coragem de ler...

Correia Marques.